



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

CASTILHO, Beatriz Luciano de; ALVES, Fernanda Rosário Rodrigues; PIRES, Isabela Teixeira; COSTA, Livia Santos; GAMEZ, Maria Luiza Varela; QUEIROZ, Tatiane Melo de
Graduação, Psicologia, Centro Universitário Fundação Santo André,
Professor Mestre Celso Ramos de Oliveira, Centro Universitário Fundação Santo André,
celso.oliveira@fsa.br

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre violência psicológica contra a criança e adolescente, com o intuito de observar as principais reações nessas pessoas na fase adulta. Foi feito o levantamento de dados detalhados a partir de documentos pertinentes e realizadas entrevistas com profissionais da área. Verificou-se que a violência psicológica começa na infância e se estende durante a adolescência do indivíduo, gerando consequências na vida adulta. A violência é provocada pelos pais durante a criação. Sendo ao privar as crianças de adquirirem habilidades sociais, como fazer amizades; rejeitando essa criança, mostrando que ela não possui importância ou não é amada; aterrorizando o menor, atacando a criança verbalmente fazendo com que ela sinta medo frequente dos responsáveis e ignorar, reprimindo o desenvolvimento emocional e intelectual dessa criança. Portanto, o

reconhecimento de maus tratos, nessa linha de pensamento, será efetuado quando comunicar uma mensagem cultural específica de rejeição ou prejudicar relevantemente o processo de socialização e desenvolvimento psicológico dessa criança e do adolescente. Considera-se que as consequências observadas nos adultos que sofreram esse tipo de violência em alguma parte da vida são: baixa autoestima, tristeza, constante comparação, relacionamentos abusivos, dificuldade de lidar com as pessoas e medo de decepcionar as pessoas.

Palavras-chave: Violência psicológica. Criança. Adolescente. Saúde.

INTRODUÇÃO

A violência psicológica é qualquer ação que cause prejuízo a saúde mental, fragilizando o estado emocional e psíquico da vítima, causando danos internos. Limitar, controlar ações e comportamentos através de ameaças, humilhações, chantagens - de qualquer variedade ou forma - constrangimentos, críticas maldosas, ofensas e xingamentos. É pouco diagnosticada, mesmo sendo a violência mais prevalente, a percepção é bem demorada até que as pessoas ao redor - ou as vítimas - percebam que aquilo que está acontecendo é um abuso. O assunto começou a ser discutido recentemente, há apenas três décadas. A violência psicológica sempre foi vista de uma forma normal pelas pessoas principalmente em casos contra crianças e adolescentes. Era vista como uma forma de educá-los, portanto, nada era feito, pois os atos de violência eram considerados formas educativas realizados pelos tutores e professores antigamente. Há pouco tempo que as crianças e adolescentes obtiveram seus direitos. No passado, quando não havia muitas leis que protegiam a criança e o adolescente, era comum encontrá-los trabalhando no horário que deveriam estar estudando, principalmente aqueles que se encontravam em situações de extrema pobreza. Felizmente, hoje, os menores são protegidos pelo ECA. A Lei nº 13.431, DE 4 DE ABRIL DE 2017, artigos 2 e 4, dizem que preveem medidas de assistência e proteção à criança e ao adolescente em situação de qualquer conduta de discriminação, depreciação ou desrespeito mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, agressão verbal etc. que possa comprometer seu desenvolvimento psíquico ou emocional. Qualquer pessoa que presencie vira testemunha e deve

procurar alguma autoridade e garantir a segurança da vítima. Rejeitar as necessidades infanto-juvenis ou não reconhecer a importância delas, isolar de todo convívio social, aterrorizar atacando verbalmente causando medo ou terror, não estimular o desenvolvimento intelectual e emocional, corromper a atos ilícitos, é crime, sendo considerado maus-tratos psicológicos. Claussen AH Crittenden - psicólogo americano - afirma que a violência psicológica pode causar mais danos no desenvolvimento infantil do que a violência física. Já que prejudica o processo de socialização e desenvolvimento psicológico, incapacitando o menor de aprender, e dificultando uma boa relação interpessoal, adicionado o comportamento inapropriado e tendências a desenvolver sintomas psicossomáticos. Para denunciar procure uma delegacia ou ligue para 180 e/ou busque por profissionais para começar um tratamento para evitar possíveis doenças, ou sequelas e afastar o agressor.

OBJETIVOS

Este projeto, aplicado nas regiões do grande abc paulista, visa ampliar o conhecimento geral sobre a violência contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas. Demonstrando por meio de pesquisas, entrevistas e levantamentos de dados que o assunto é cada vez mais pautado, mas poucas vezes, discutido e levado à tona como deveria. O projeto tem a finalidade de conscientizar e educar pessoas de todas as regiões sobre como as consequências da violência psicológica afetam no cotidiano, as relações e a forma como cada pessoa enxerga a si mesmo diante dos traumas, visando compreender a importância do assunto para entendimento pessoal e geral. Assim como, visa mostrar a importância da discussão do assunto para que, de forma consciente, alcance o maior número de pessoas mostrando uma forma distinta de pensar e influenciando a mudança de raciocínio nos indivíduos que ainda possuem pensamentos voltados a este tipo de educação como sendo o jeito mais fácil e correto de educar a criança e adolescente.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um questionário no *Google Forms* com cinco questões a fim de sediar uma pesquisa sobre violência psicológica contra crianças e

adolescentes para que se pudesse ter uma coleta de dados sobre os danos sofridos. Também foram feitas entrevistas com profissionais da área para melhor compreensão do assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a pesquisa realizada na plataforma *Google Forms*, podemos notar que a maior parte dos entrevistados já sofreram algum tipo de violência psicológica.

Gráfico 1

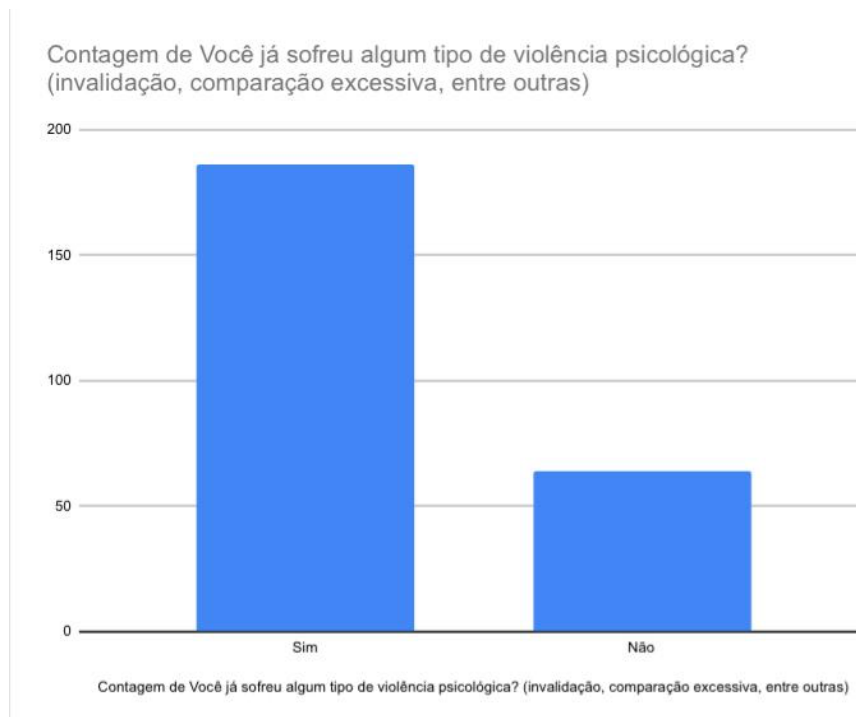
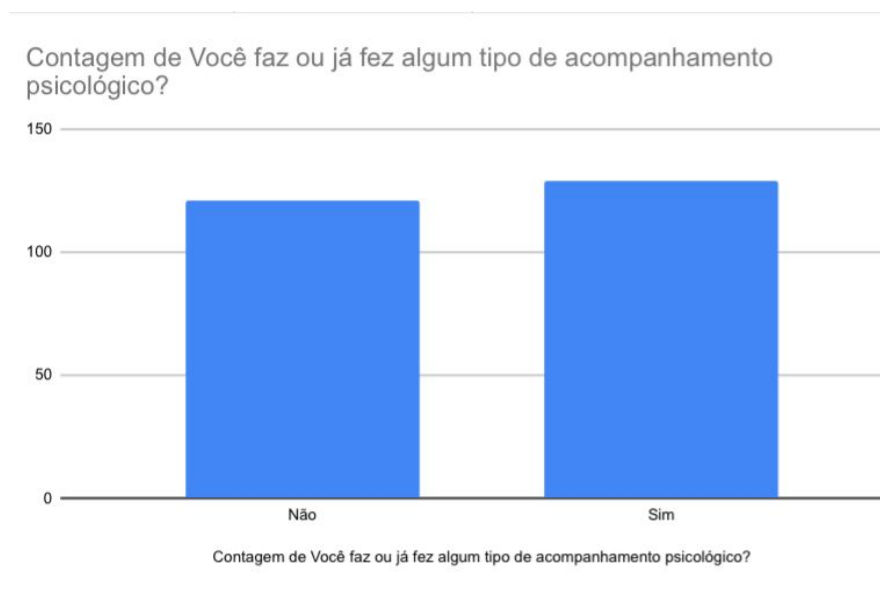


Gráfico 2

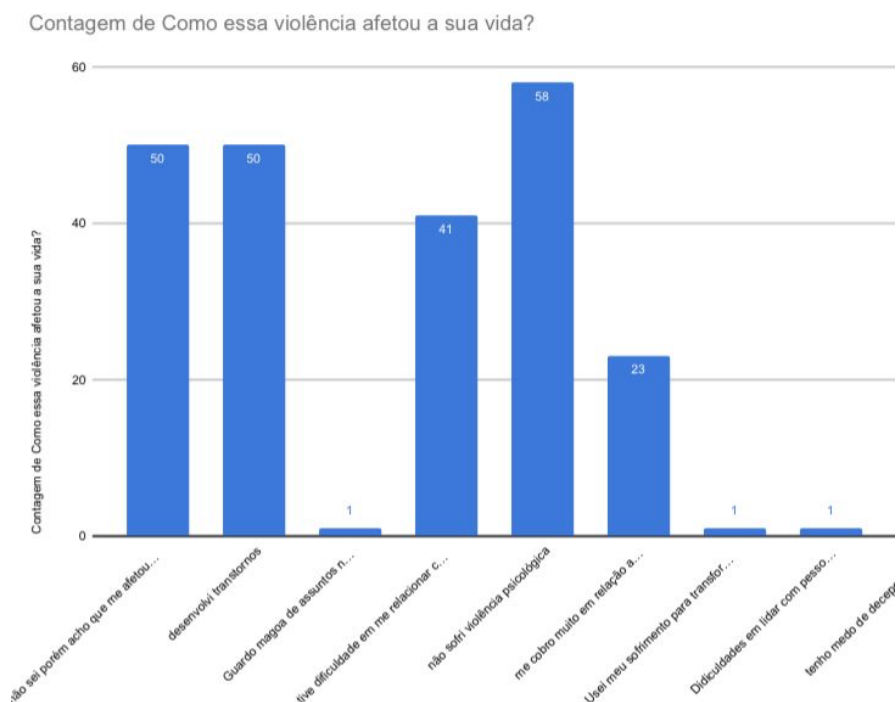


Gráfico 3



Mesmo sendo a maior porcentagem dos votos configurados em “sim”, ainda há um grande percentual de pessoas que, mesmo reconhecendo que sofreram algum tipo de abuso, não buscaram ajuda profissional.

Gráfico 4



É possível concluir que, mesmo os indivíduos tendo sido vítimas de um mesmo tipo de violência, afetou, de diferentes formas, a vida de cada uma delas.

ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS DA ÁREA

Perguntas: Alguma vez, você já atendeu um paciente que veio procurar tratamento por consequência da violência psicológica? Se sim, você poderia compartilhar um relato? Quais são as maiores consequências geradas na vida adulta, que você percebeu durante o atendimento?

Profissional 1: “Sim, eu já tive um paciente que veio me procurar. Mas antes é importante a gente falar sobre uma coisa; as pessoas não têm muita consciência. Por exemplo, essa paciente que teve o abandono do pai, não chegou em mim falando ‘olha, por eu ter sido abandonada pelo meu pai, hoje eu tenho dificuldade nas relações, baixa autoestima etc.’ Já que na maioria das vezes o paciente não tem muito essa noção de causa e efeito. Então, durante as sessões o paciente vai entendendo, com o tempo, o porquê que ele tem certas consequências.

Essa paciente, de 23 anos, me procurou e, quando eu vou atender um paciente, eu sempre entrego um prontuário perguntando nome, doenças que já teve, nome da mãe, do pai etc. Nesse caso em específico, ela me disse que tinha um pai, mas que não o considerava como tal e não ia colocar o nome dele na ficha e não gostava de falar no assunto.

E nisso, muitas vezes o próprio paciente se culpa por algumas ações. E é muito interessante porque, aos 8 anos de idade, esse pai a abandonou fisicamente, mas pelo histórico, há algum tempo (durante a infância dela) ele já tinha abandonado ela afetivamente. Então ele estando ali ou não, não faria diferença para aquela paciente. Já que ele era indiferente, indisponível. Ele começou a não fazer parte da vida dela ali.

O adulto, tem uma elaboração melhor das coisas, a criança nem tanto, então o que acontece: muitas vezes a criança atribui culpa de coisas que acontecem com os pais. Nesse caso, quando o pai abandonou a filha, e ela pode ter ficado pensando: ‘o que eu fiz de errado?’ ‘A culpa deve ser minha.’ ‘Eu devo ser

muito ruim mesmo.’ Então a autoestima e o amor-próprio dessa criança, onde fica?

Quando este pai abandona essa criança, ela cresce com um sentimento de vazio e uma necessidade extrema de atenção, que, na fase adulta, essa pessoa vai procurar adquirir atenção de qualquer forma, já que cada um vai usar suas armas. Essa paciente, vai pensar que precisa agradar todo mundo. Vai começar a dizer todos os “sins” que muitos vão ser “nãos” para ela. Mas, por essa necessidade de agradar, ela não vai dizer, então ela se volta para o outro em uma busca incessante de carinho e atenção que se torna um looping, onde você se volta para fora quando na verdade você teria que se voltar para dentro. Já que todo o amor e atenção é você que tem que se dar.

Nessa busca incessante por atenção, leva a pessoa a cair em relacionamentos abusivos, não só amorosos, como também no trabalho. O caso dessa minha paciente se voltava para o trabalho também, porque ela relatava que ela estava esgotada demais e muito cansada, já que, quando algum funcionário saía de férias, ela aprendia a função desse outro funcionário, e fazia somando com a sua, se sobrecarregando, podendo virar um estresse crônico.

Por conta de ela ter um medo extremo de ser abandonada pelas pessoas, ela se colocava em uma zona de conforto, por mais desconfortável que fosse, ela se colocava em uma situação de vitimismo, porque ela enxergava que tudo dava certo para os outros menos para ela.

Agora, nessa situação, é importante a gente salientar que não existe uma receita de bolo, não são todos os pacientes que sofreram algum tipo de violência psicológica vão sofrer das mesmas consequências que essa moça, mas em uma maioria a gente pode dizer que desenvolvem sérios problemas, como a baixa autoestima, necessidade de agradar, de atenção, carinho e medo do abandono.”

Profissional 2: “Sim, atendi um homem que veio me procurar aos 39 anos de idade, casado com dois filhos e estava com problemas dentro da relação afetiva e com dificuldade de colocar limites os filhos. Ele dizia que a esposa o achava sem prestígio, sempre um homem muito inseguro sem sucesso profissional, que não parava em nenhum tipo de emprego e se sentia inferior. Ele prestou alguns concursos e foi trabalhar como arquiteto dentro de uma

prefeitura específica de uma cidade. Sempre que havia uma possibilidade de uma promoção ou passar para um cargo melhor, mesmo o chefe às vezes incentivando-o, ele nunca se candidatava porque ele nunca se sentia bom o suficiente. Isso foi gerando problemas no relacionamento dele com a esposa, já que ela o achava muito inseguro. Ele tinha uma dificuldade muito grande em se sentir capaz, e aí, conforme a gente foi começando a trabalhar, para eu identificar o que estava acontecendo no momento presente da vida dele e se tinha alguma ligação com o que tinha acontecido no decorrer da vida dele, ele me traz a história de uma casa onde era o pai, a mãe, ele e o irmão mais novo. Um pai alcoólatra que saía para trabalhar de manhã e à tarde passava em um bar e bebia, chegava em casa todo dia alcoolizado batendo porta, xingando, quebrando coisa e batia na mãe. Os filhos tinham que estar sentados no sofá, ou fazendo lição. A vida deles era regada a violência física com a mãe, e com os filhos uma violência psicológica do tipo: “O que vocês querem ser da vida? vocês não são *bosta* nenhuma!”. Se tirasse nota baixa na escola o pai dizia : “eles não iriam chegar a lugar nenhum, vão ser merda nenhuma nessa vida, vão ser peão de fábrica que nem eu sou”. O que eu identifiquei foi: um pai frustrado, alcoólatra, violento com a mãe, porém nunca encostou uma mão nos filhos, mas tinha o discurso violento de xingamentos com estes. Dizendo coisas do tipo: “você vai ser lixeiro, vai ser catador de papel na rua” e, relacionando isso com as notas ruins da escola ou cobrando estudo, o paciente relata que sofreu esse tipo de violência dos 7 aos 14 anos de idade, que foi quando o pai adoeceu e passou a ter outro comportamento. E na cabeça desse paciente ele sempre justificava as atitudes do pai, porque o pai era um trabalhador que se preocupava em levar o sustento de casa, era ignorante e alcoólatra e o pai não estava violentando-o e sim desafiando-o a provar que ele não seria aquele homem que o pai dizia que seria. O que eu percebi é que, o fato de ele se sentir incapaz na cabeça dele, jamais estaria ligado ao fato de o pai ter dito lá atrás que ele nunca chegaria em lugar nenhum, até porque ele chegou, ele era capaz, mas não conseguia ver. No fundo ele tinha dificuldade em se sentir melhor naquilo que ele fazia. Ao longo da terapia identificamos que aquela violência que o fez acreditar que ele era incapaz, gerando uma baixa estima, e insegurança.

A violência psicológica sofrida na infância pode sim interferir na vida do adulto, mas, depois de identificada, mostramos para esse adulto que ela não precisa mais fazer parte da vida dele. Costumo dizer para os meus pacientes que o passado é lugar de referência, mas não é lugar de residência.”

Profissional 3: “Sim, inclusive eu acho que é o que mais tem, porque quando se fala de violência psicológica, podem ser várias coisas. O bullying entre os alunos; entre professor e aluno; aluno que faz com professor e etc. Muitas vezes são adultos que trazem, depois de muitos anos, a violência sofrida na infância. Mas um caso, o primeiro que veio na minha cabeça. Foi de uma paciente, que eu atendi há muitos anos, ela foi adotada aos 8 anos junto com a irmã mais nova. Ela era uma criança vista como “uma criança difícil”, e a irmã era completamente o oposto. Porque uma era mais delicada, princesinha e a outra era mais revoltada, retrucava, respondona etc. Então, os pais decidiram levar ela na terapia porque não estavam sabendo como lidar com ela. Como ela era de abrigo, ela tinha um passado muito duro, bem difícil. Quando eles adotaram essa menina, eles não a queriam, mas existe uma lei que não pode separar irmãos. Então a violência psicológica começou nesse meio tempo. Quando eles foram para casa, eles começaram a gostar mais da irmã mais nova e excluir a mais velha, principalmente o pai delas (a mãe não podia ter filhos então ela queria muito adotar). Quando a mais velha percebeu, ela começou a testar os pais, ela não parava, fazia coisas que a irmã não fazia justamente por querer chamar atenção dos responsáveis. A mãe - como ela queria muito ser mãe - aquela experiência da maternidade não estava sendo boa para ela, então ela queria resolver. Já o pai, não tinha essa “paciência toda”. Ele falava da menina sem nenhum carinho e xingava ela de muitas formas, chamava ela de porca imunda que ficava comendo lixo. Mas ele não levava em consideração a vida antiga dessa menina, uma menina que morou em abrigo, passava fome e que, muito provavelmente, os pais biológicos eram usuários de drogas. Falava também, que eles (pai e mãe) não queriam ela e que só gostavam da mais nova, isso tudo para a própria menina. Era notável que os pais tinham raiva dela, eles não tinham amor por ela, eles queriam mesmo era devolvê-la. Mas comigo, nas seções, ela era muito carinhosa, sempre me abraçava, encostava a cabeça no meu ombro. E isso é uma forma

de pedir carinho, então ela era uma menina muito carente que precisava de acolhimento e atenção. No final de tudo, eles acabaram devolvendo a menina, porque foi acionado o conselho tutelar e as duas irmãs foram tiradas deles.

E isso na vida adulta pode gerar consequências permanentes que vão afetar as relações dessa pessoa, sendo relações pessoais ou profissionais. Junto com a baixa autoestima, a necessidade de agradar o tempo todo e até achar que tudo de ruim que acontece na vida dela e na vida de outras pessoas do mesmo ciclo social, é culpa dela. Então precisa ficar atento a esses comportamentos e sensações.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso grupo observou que a violência psicológica contra a criança e adolescente tem sido cada vez mais frequente, mas, assim como o número de casos tem aumentado, o número de pessoas que conseguem identificar a violência sofrida e procurar por ajuda, também aumentou. É possível perceber que uma grande parte dos psicólogos, atendem pessoas com problemas decorrentes da violência ocorrida no período da infância e muitas dessas pessoas são muitas vezes, negligentes com seus próprios sentimentos e experiências; por conta disso, a intervenção profissional é de extrema ajuda e amparo, para que se possa garantir uma sociedade melhor e mais saudável.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, C. D. de ., & Assis, S. G. de .. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos De Saúde Pública*, 27(5), 843–854. Disponível em :<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003> . Acesso em: 26 de março de 2023.

AVANCI, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C. dos ., & Oliveira, R. V. C.. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista De Saúde Pública*, 39(5), 702–708. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000500002>
Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C. dos ., & Oliveira, R. V. C.. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista De Saúde Pública*, 39(5), 702–708. Disponível em

:<https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000500002>. Acesso em : 28 de março de 2023.